



O uso de plantas em quintais urbanos no bairro da Francilândia no município de Abaetetuba, Pará, Brasil

The use of plants in urban homegardens in the neighborhood in the municipality of Francilândia Abaetetuba, Pará, Brasil

T. G. Miranda^{1*}; J. F. de Oliveira-Júnior²; A. da S. Martins-Junior³; A. C. C. Tavares-Martins³

¹Mestrando em Ciências Ambientais, Universidade do Estado do Pará, 66095100 - Belém, PA – Brasil

²Graduado em Ciências Naturais, Universidade do Estado do Pará, 66095100 - Belém, PA – Brasil

³Departamento de Ciências Naturais, Universidade do Estado do Pará, 66095100 - Belém, PA – Brasil

*thyagomiran@hotmail.com

(Recebido em 01 de abril de 2016; aceito em 16 de abril de 2016)

O trabalho tem por objetivo registrar a ocorrência de plantas em quintais urbanos no bairro da Francilândia, Abaetetuba, Pará analisando a origem dos moradores, a importância dos quintais, categorias de uso dos vegetais e o valor de saliência cultural das espécies. Foram realizadas 40 entrevistas dialogadas direcionadas por questionários semiestruturados partindo de dois informantes principais por meio do método de bola de neve. A identificação das espécies foi realizada por meio de comparação com exsicatas do Herbário Virtual da Flora e dos Fungos e literaturas especializadas. Foi adotada a técnica de listagem livre com intuito utilizar o Índice de Saliência Cultural para ranquear as espécies mais importantes. Identificou-se uma composição populacional com pessoas nativas da sede do município que representam 35%, e pessoas naturais das ilhas de Abaetetuba representado 32,5 %, outros 27,5% oriundos de outros municípios (Barcarena, Acará, Itaituba), além de 5% moradores que advêm da zona rural ou "região das estradas". Registrou-se 84 espécies divididas em diversas categorias, sendo mais representativa a alimentícia com 42 citações (50% %), a espécie mais citada e com maior Índice de Saliência foi o açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) com 23 citações e 0,48, respectivamente. A importância dos quintais para a população é evidente, pois em muitos casos é de onde se retira uma fonte de renda ou moradia para os filhos e além de ser o ambiente mais agradável da casa. Tais fatos indicam a relevância dos quintais e estes devem ser preservados para manter o conhecimento acerca do uso de plantas.

Palavras-chave: categorias de uso, etnoespécies, valor cultural.

The study aims to register the occurrence of plants in urban gardens in the district of Francilândia, Abaetetuba, Pará analyzing the origin of the residents, the importance of gardens, vegetables use categories and the cultural salience value of species. Were made 40 dialogued interviews directed by semi-structured questionnaires starting from two main informants through the snowball method. The species identification was carried out by comparison with herbarium Virtual Herbarium of Flora and Fungi and specialist literature. Free listing technique aiming to use the Cultural salience Index to rank the most important species was adopted. It was identified a population composition with native people of the county seat representing 35%, and natural persons of Abaetetuba Islands represented 32.5%, other 27.5% from other municipalities (Barcarena, Acara, Itaituba), more 5% residents who come from rural or "road region." It was recorded 84 species divided into different categories, being more representative the food with 42 citations (50% %), the most cited species and more the Cultural salience Index was the açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) with 23 citations and 0.48, respectively. The importance of gardens for the population is evident, because in many cases is where it removes a source of income or housing for children and besides being the most pleasant atmosphere of home. These facts indicate the relevance of backyards and these should be preserved to maintain knowledge about the use of plants.

Keywords: Use categories, ethnospecies, cultural value.

1. INTRODUÇÃO

A Etnociência apresenta vários ramos como a, etnobiologia, etnoecologia, etnozologia [1], e seu fortalecimento tem promovido o desenvolvimento da etnobotânica, ramo esse que tem caráter interdisciplinar, situada entre as ciências sociais e biológicas [2].

Os estudos etnobotânicos vão além das investigações botânicas, pois buscam não apenas a listagem das espécies, mas também a significação ou o valor cultural que uma determinada planta pode ter em uma comunidade humana [3, 4]. Estudos assim merecem destaque no bioma Amazônia, devido este ser o maior domínio florestal remanescente no planeta [5], bem como abriga um expressivo conjunto de povos que aprenderam, ao longo do tempo, como conviver com o ambiente [6].

Existe uma gama de árvores, arbustos, ervas e cipós que contribuem, em diversos âmbitos, para o modo de vida das populações Amazônicas [7]. Assim, devido às influências culturais, essas comunidades humanas detêm a prática e o conhecimento para se utilizar vegetais, porém esse saber esta em erosão devido a perda das características rurais de vários ambientes, assim a etnobotânica assume o papel de resgatar esse conhecimento [8].

A urbanização é um dos maiores desafios que a humanidade tem enfrentado, pois com a verticalização das residências é cada vez menor espaço para o cultivo de espécies que possam suprir necessidades diárias [9]. Nesse contexto, os quintais são ambientes indispensáveis por unificar o acesso e a coleta de recursos, constituindo assim sistemas adaptados à sociedade moderna [10].

Esses ambientes domésticos, principalmente, em zonas periféricas das grandes e médias cidades são usados, sobretudo para a produção de alimentos [10]. Ao gerar subsistência para a estabilidade da família, exercem considerável papel econômico na vida das pessoas e assim deixam de comprar produtos que em muitos casos podem ser produzidos ao redor da casa [11].

O destaque dos quintais também se dá quando o homem aproveita os recursos vegetais como alternativa terapêutica muitas vezes própria de sua cultura [12]. Sua função sociocultural, na Amazônia, também se apresenta na forma de algumas das espécies vegetais com finalidades ornamentais e também usadas em rituais religiosos e crenças místicas [13].

No que tange à conservação, os quintais urbanos são considerados um verdadeiro banco de recursos genéticos de grande relevância para os seres humanos [14], por isso é imperativo a sua importância sobre vários aspectos, todavia ainda com poucos estudos, especialmente, no Brasil [15, 16].

É evidente a contribuição de estudos etnobotânicos para diversos aspectos da ciência, por isso faz-se necessário a realização de pesquisas nessa área para um maior entendimento dos aspectos culturais, sociais, econômicos e ecológicos das populações humanas [17]. Trazendo todos esses fatores para o município de Abaetetuba-PA tornam-se necessárias pesquisas nessas áreas amazônicas que estão sofrendo transformações em suas paisagens naturais.

Para a realização deste trabalho perguntas nortearam o assunto dentre elas estão: Qual o conhecimento das populações sobre o uso das plantas nos quintais urbanos? Qual ou quais as origens dos interlocutores desse bairro que ainda mantém os quintais? Quais as categorias de usos das espécies citadas? Quais as espécies de maior valor cultural?

O trabalho tem por objetivo registrar a ocorrência de plantas nos quintais urbanos no bairro da Francilândia município de Abaetetuba, Pará analisando a origem dos moradores, a importância dos quintais, a presença de elementos naturais e antrópicos, categorias de uso dos vegetais e o valor de saliência cultural.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Área de estudo

O estudo foi realizado no município de Abaetetuba (01° 43' 23'' S e 48° 52' 54'' W) (Figura 1) que em linha reta dista 60 km da capital do estado do Pará com uma área territorial de 1.611 Km², tendo como de fonte renda o comércio, agricultura, pecuária, extrativismo especialmente de açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) e miritizeiro (*Mauritia flexuosa* L. F.) [18].

Trata-se de uma cidade tipicamente amazônica que se distribui em uma faixa continental e outra insular na confluência do Rio Tocantins com o Rio Pará, estuário do Rio Amazonas. É dividida em duas zonas: a. sede do município, onde concentra-se o maior contingente populacional distribuído nos bairros da Aviação, Algodual, São lorenzo, Francilândia e bairro

Centro; b. a zona rural, que ocupa ecossistemas de Terra Firme (região das estradas) e Várzea (região das ilhas).

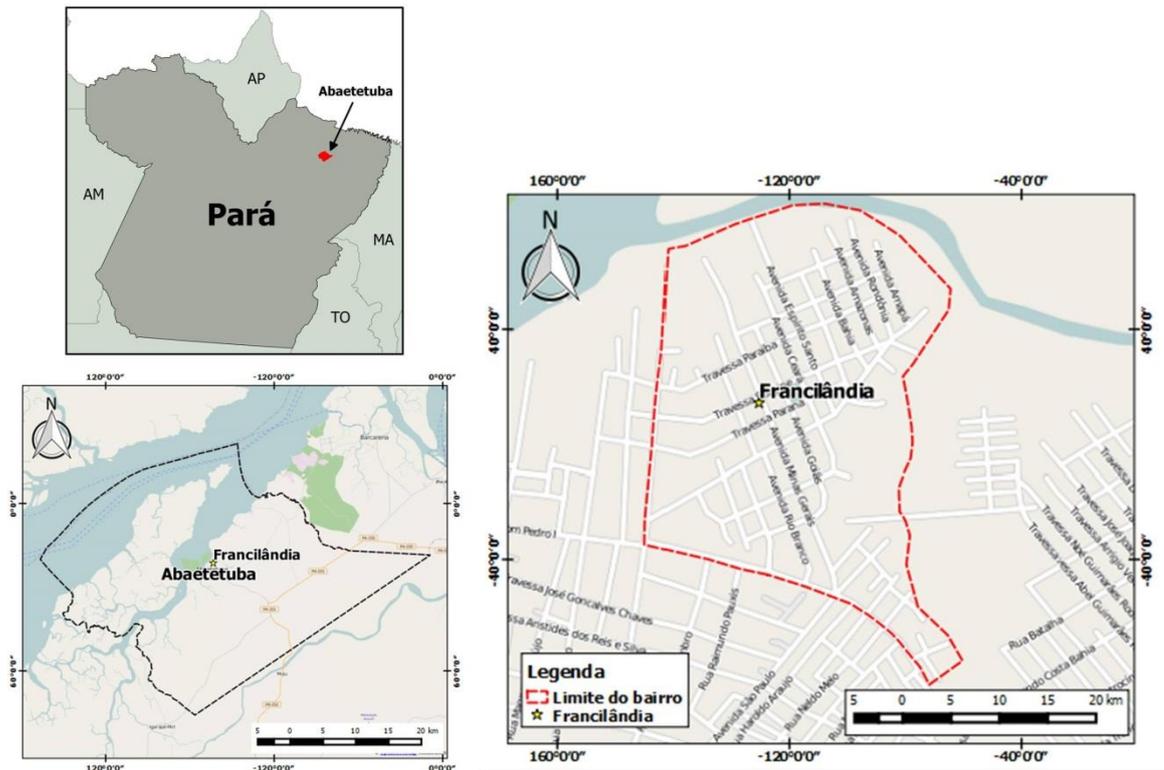


Figura 1: Mapa do bairro da Francilândia, Abaetetuba, PA.

Fonte: Santos, L. S. dos

O bairro da Francilândia localizado na sede do município possui uma população de 9.922 pessoas distribuídas em 2.583 residências [19, 20]. Estabelecida em áreas de terra firme (área central) e várzea (área periférica), nas ruas ainda são encontradas espécies arbóreas típicas destes ambientes como a castanheira (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) e o açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.). O centro do consiste na parte mais estruturada com ruas asfaltadas, presença de supermercados e o posto de saúde. A periferia não recebeu asfalto, o saneamento básico é mais precário e está localizada às margens do rio Jarumã, o que facilita a migração de pessoas advindas da região das ilhas. Por esta localização urbana que ainda abriga vegetação amazônica remanescente é que essa área foi escolhida para estudo.

Conforme o mapa da cidade de Abaetetuba fornecido pelo IBGE do município o bairro é dividido em quatro setores (denominados 35 a 38), sendo adotado neste estudo este mesmo critério [19].

2.2 Amostragem e seleção dos informantes

A pesquisa realizou-se nos meses de agosto a setembro de 2013, foi usada amostragem não probabilística iniciada com a técnica de “bola de neve” partindo de dois informantes principais, os quais foram selecionados por serem figuras de destaque envolvidas com as lideranças do bairro. Para cada setor do bairro foram realizadas 10 entrevistas dialogadas direcionadas por formulários semiestruturados [21], totalizando 40 pessoas entrevistadas.

Foi adotada a técnica da lista livre, onde o entrevistado menciona as espécies por ordem de importância para si, tendo em vista a busca de informações sobre as espécies mais importantes culturalmente presentes nos quintais dos moradores. Pelo fato de alguns informantes não conseguirem indicar outro interlocutor ou a recusa de pessoas na participação das entrevistas para dar sequência na “bola de neve” foram realizadas novas entradas conforme aplicado por Giraldi; Hanazaki [22] e Gandolfo; Hanazaki [23]. Neste caso, retornava-se ao informante

anterior ao da recusa e/ou a um informante principal e era solicitado que ele indicasse outra pessoa. Também fez-se uso de gravações e anotações para uma melhor análise dos fatos [24].

As principais perguntas versaram sobre quais plantas eles utilizavam nos quintais, as categorias de uso, a origem dos moradores, o tempo de moradia no bairro, o que continham em seus quintais e as 10 plantas mais importantes.

2.3 Análise dos dados

Foi analisado o perfil dos entrevistados, para isso usou-se os dados socioeconômicos e dados qualitativos (análise de conteúdo) para se verificar a importância dos quintais, as espécies citadas foram classificadas em categorias de uso como alimentícia, medicinal, ornamental, mística, higiene e ambiência [25]. O valor cultural dos vegetais mencionados foi analisado através do Índice de Saliência Cultural [26].

Para a identificação das espécies utilizou-se as imagens das plantas presentes nos quintais, as quais foram comparadas com aquelas descritas e ilustradas em literaturas especializadas e também com as fotos das exsicatas do Herbário Virtual da Flora e dos Fungos [27]. Para a confirmação dos nomes científicos utilizou-se a base de dados Lista das Espécies da Flora do Brasil [28] e do Missouri Botanical Garden [29].

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil dos entrevistados e dos quintais

No bairro da Francilândia foi realizado um total de 40 entrevistas e constatou-se que 37 (92, 5 %) informantes eram do sexo feminino com faixa etária entre 21 e 81 anos de idade, e três informantes (7,5 %) do sexo masculino com idade entre 41 e 73 anos. O gênero feminino também foi predominante em quintais no Mato Grosso [30], do Zimbábue [31] e Nigéria [32]. O maior número de interlocutores do sexo feminino pode ser justificado devido os afazeres relacionados ao seio familiar estarem, culturalmente, sobre os cuidados da mulher, e nisto se inclui o manejo dos quintais. Dos homens, mesmo sendo minoria no estudo, aqueles que se propuseram a participar alegaram ser responsáveis pelo cultivo de espécies e manejo do quintal.

Foi constatada a origem dos entrevistados, onde 14 (35 %) são da sede do município, 13 (32,5 %) são moradores que migraram das ilhas, 11 (27,5%) correspondem aos habitantes oriundos de outros municípios (Barcarena, Acará, Itaituba) e dois (5%) moradores que advêm da zona rural (“região das estradas”) de Abaetetuba. Essa diferença na procedência dos moradores do bairro também foi relatada por Amaral; Guarim-Neto [33] na cidade de Rosário do Oeste no estado de Mato Grosso, onde 16% migraram de outros municípios; 4% eram moradores que vieram de outros estados.

A diferença na naturalidade dos moradores também acarreta em uma mistura e/ou acréscimo no saber tradicional apresentado por essas pessoas, haja vista o arcabouço de informações que os forasteiros podem trazer de uma região para outra. Essa troca de saber por populações diferentes é ressaltado por Garcia et al. [34], em um estudo realizado com migrantes em Diadema, São Paulo onde estes traziam consigo um acervo de conhecimento etnofarmacológico.

Foi observado que houve dois (5 %) informantes que moravam no bairro há mais de 50 anos e também apresentaram como os mais senis nas idades de 73 e 81 anos, e destes se obteve um grande número de citações de espécies na entrevista. Tal fato, também é constatado por Lima [35] quando em sua pesquisa ele afirma que o conhecimento está concentrado na faixa etária mais idosa.

Com relação à transmissão do conhecimento sobre plantas 38 (95%) entrevistados relataram que aprenderam com parentes, sejam eles pais, tios, avôs e avós. Esse aprendizado sobre o uso de plantas transmitido por gerações via oralidade também foi encontrado nos estudos feitos por Sobrinho; Guido [36], Araújo [37], Screnci-Ribeiro [38] e Cruz et al. [39].

Ainda registrou-se uma interlocutora que relatou adquirir o conhecimento sobre as plantas com seu cônjuge, assim como outra reportou que seu saber advém de um curso ofertado pela pastoral da criança do bairro. Essas maneiras diferenciadas de se obter o conhecimento sobre a

utilização de plantas também foi relatado no trabalho de Oliveira; Araújo [40] onde os informantes afirmaram que aprenderam assistindo à televisão, com médicos, enfermeiros ou livro de fitoterapia.

Quando perguntados como denominavam a área ao redor de sua casa, todos responderam: quintal, fato também observado no trabalho de Pasa et al. [11] realizado no estado do Mato Grosso, onde todos os 36 entrevistados denominaram o espaço que envolve a casa como sendo quintal, bem como no trabalho de Sobrinho; Guido [36] que no município de Uberlândia entrevistaram 20 pessoas e todas chamaram o ambiente em volta de suas casas de quintal.

Referente aos elementos naturais e antrópicos presentes nos quintais dos informantes: 15 (37,5%) possuíam plantas e poço, 12 (30%) tinham animais, plantas e poço, a presença de poços na maioria dos quintais também é verificado no trabalho de Lobato [41], onde a elevada presença de poços em quintais se dá pela utilidade doméstica que estes apresentam nas atividades domésticas diárias e pela falta de saneamento básico nas cidade.

Informantes que cultivavam apenas plantas somaram quatro (10%), os que abrigavam animais e plantas corresponderam a três (7,5%). Para componentes antrópicos que apareceram nos quintais, a saber: piscina, casa de filhos, local para armazenar utensílios e etc. Sendo assim, obtiveram-se os seguintes resultados: quintais com plantas e outros somaram três (7,5%), animais, plantas, poço e outros somaram dois (5%), plantas, poço e outros somou um (2,5%).

3.2 Categorias de usos

Foram citadas 84 espécies (Tabela 1) distribuídas em 45 famílias botânicas e 75 gêneros, alocadas nas seguintes categorias: alimentícia, medicinal, ornamental, místico, higiene, ambiência e comercialização. Sendo Rutaceae com maior representatividade apresentando seis espécies (13%), seguido de Asteraceae, Malvaceae e Myrtaceae todas com cinco espécies (11%), e Arecaceae, Euphorbiaceae e Lamiaceae com quatro espécies citadas (8%). No trabalho de Queiroz; Lamano-Ferreira [42] essas famílias também obtiveram maior número espécies citadas, bem como no trabalho de Carvalho et al. [43].

Tabela 1: Espécies citadas nos quintais do bairro da Francilândia, Abaetetuba, Pará e os respectivos Índices de Saliência Cultural. Al=alimentícia; Med=medicinal; Orn=ornamental; Mist=mística; Com=comercialização; Amb=ambiência.

NOME CIENTIFICO	ETNOESPÉCIE	Nº DE CITAÇÃO	CATEGORIA DE USO	PARTE UTILIZADA	ÍNDICE DE SALIÊNCIA
ADOXACEAE					
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	1	Med	Folha	0.002
AMARANTHACEAE					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramecina	1	Med	Folha	0.020
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz	1	Med	Folha	0.014
<i>Spinacia oleraceae</i> L.	Espinafre	1	Al	Folha	0.013
AMARYLLIDACEAE					
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	1	Al	Raiz	0.010
ANACARDIACEAE					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú	7	Al, Med	Pseudofruto e Casca	0.120
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	12	Al	Fruto	0.218
<i>Spondias dulcis</i> Park.	Cajarana	1	Al	Fruto	0.020
ANNONACEAE					
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	5	Al	Fruto	0.070
<i>Rollinia mucosa</i> (Jacq.) Baill.	Biriba	1	Al	Fruto	0.020
APIACEAE					
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Cheiro verde	1	Al	Planta toda	0.022

NOME CIENTÍFICO	ETNOESPÉCIE	Nº DE CITAÇÕES	CATEGORIA DE USO	PARTE UTILIZADA	ÍNDICE DE SALIÊNCIA
ARACEAE					
<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	Tajá	1	Orn	Planta toda	0.005
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	Comigo ninguém pode	3	Orn	Planta toda	0.020
ARECACEAE					
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth.	Pupunha	7	Al	Fruto	0.084
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	14	Al, Med	Fruto	0.150
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açai	23	Al	Fruto	0.480
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Abacaba	4	Al	Fruto	0,040
ASPARAGACEAE					
<i>Asparagus densiflorus</i> Sprengeri	Alfinete	1	Orn	Planta toda	0.007
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada de são Jorge	7	Orn	Planta toda	0.055
ASTERACEAE					
<i>Ayapana triplinervis</i> (Vahl.) R.M.King.& H.Rob.	Japana	2	Mist	Folha	0.019
<i>Cichorium intybus</i> L.	Chicória	4	Al	Folha	0.070
<i>Gerbera jamesonii</i> Adlan	Girassol	1	Orn	Planta toda	0.010
<i>Mikania lindleyana</i> DC.	Sucurijú	1	Med	Folha	0.012
<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo	1	Med	Folha	0.011
BIGNONIACEAE					
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Pariri	4	Med	Folha	0.047
BIXACEAE					
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	13	Al	Fruto	0.164
BROMELIACEAE					
<i>Ananas ananassoides</i> (Baker.) L.B.Sm.	Orquídia	2	Orn	Planta toda	0.035
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	1	Al	Fruto	0.020

NOME CIENTÍFICO	ETNOESPÉCIE	Nº DE CITAÇÕES	CATEGORIA DE USO	PARTE UTILIZADA	ÍNDICE DE SALIÊNCIA
BROMELIACEAE					
<i>Ananas comosus var. erectifolius</i> (L.B. Sm.) Coppens & F.Leal	Abacaxizinho	1	Orn	Planta toda	0.010
BURSERACEAE					
<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	Mirra	1	Mist	Planta toda	0.002
CARICACEAE					
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	10	Al	Fruto	0.140
CLUSIACEAE					
<i>Platonia insignis</i> Mart.	Bacuri	1	Al	Fruto	0.020
CRASSULACEAE					
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Pirarucu	9	Med	Folha	0.120
DAVALLIACEAE					
<i>Nephrolepis biserrata</i> (SW.) Schott.	Samambaia	8	Orn	Planta toda	0.071
EUPHORBIACEAE					
<i>Croton cajucara</i> L.	Sacaca	1	Med	Folha	0.020
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Peão-roxo	5	Med	Folha	0.013
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	5	Al, Com	Raiz	0.081
<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	Coramina	6	Med	Folha	0.070
FABACEAE					
<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá	1	Al	Vagem	0.009
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Jucá	4	Med	Vagem	0.032
IRIDACEAE					
<i>Eleutherine plicata</i> Herb. Ex Klatt	Marupazinho	2	Med	Folha	0.011

NOME CIENTÍFICO	ETNOESPÉCIE	Nº DE CITAÇÕES	CATEGORIA DE USO	PARTE UTILIZADA	ÍNDICE DE SALIÊNCIA
LAMIACEAE					
<i>Mentha spicata</i> L.	Hortelã	6	Med	Folha	0.092
<i>Ocimum minimum</i> L.	Manjeriçã	3	Med	Folha	0.032
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Anador	5	Med	Folha	0.070
LAURACEAE					
<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl.	Canela	7	Al, Med	Folha	0.090
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	5	Al, Com e Amb	Fruto	0.070
MALPIGHIACEAE					
<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Muruci	1	Al	Fruto	0.005
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	16	Al, Com	Fruto	0.200
MALVACEAE					
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	6	Med, Com	Folha e Fibra	0.060
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Papoula	1	Orn	Planta toda	0.002
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira-roxa	1	Orn	Planta toda	0.002
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	15	Al	Fruto	0.161
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Cupuaçu	15	Al, Com	Fruto	0.159
MELIACEAE					
<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro	1	Amb	Planta toda	0.020
MONIMIACEAE					
<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo	5	Med	Folha	0.050
MORACEAE					
<i>Artocarpous heterophyllus</i> Lam.	Jaca	1	Al	Fruto	0.038
MUSACEAE					
<i>Musa</i> sp.	Banana	14	Al	Fruto	0.210

NOME CIENTÍFICO	ETNOESPÉCIE	Nº DE CITAÇÕES	CATEGORIA DE USO	PARTE UTILIZADA	ÍNDICE DE SALIÊNCIA
MYRTACEAE					
<i>Eugenia malaccense</i> (L.) Merryl & Perry	Jambo	6	Al	Fruto	0.105
<i>Eugenia patrisii</i> Vahl.	Pitombeira	1	Al	Fruto	0.020
<i>Psidium guineense</i> Swartz	Araça	2	Al	Fruto	0.020
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	6	Al, Med	Fruto, Caule	0.102
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skels	Ameixa	1	Al	Fruto	0.020
PASSIFORACEAE					
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	2	Al, Com	Fruto	0.047
PHYELANTACEAE					
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	1	Med	Folha	0.011
PHYTOLACCACEAE					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Mucura-caá	1	Mist	Folha	0.016
PLANTAGINACEAE					
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	1	Med	Folha	0.005
POACEAE					
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-marinho	7	Al, Hg e Med	Folha	0.070
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	6	Al	Caule	0.020
PTERIDACEAE					
<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	Avenca	1	Med	Folha	0.009
RUBIACEAE					
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	1	Al	Fruto	0.004
<i>Ixora chinensis</i> Lam.	Jasmim	7	Orn	Planta toda	0.063

NOME CIENTÍFICO	ETNOESPÉCIE	Nº DE CITAÇÕES	CATEGORIA DE USO	PARTE UTILIZADA	ÍNDICE DE SALIÊNCIA
RUTACEAE					
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Cristm.) Swingle	Limão galego	4	Al, Med	Fruto	0.012
<i>Citrus limonum</i> Risso	Limão	16	Al, Med	Fruto	0.311
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	1	Al	Fruto	0.005
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	3	Al	Fruto	0.055
<i>Citrus</i> sp.	Toranja	17	Al	Fruto	0.232
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	4	Med	Folha e Flores	0.070
SAPOTACEAE					
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abil	5	Al	Fruto	0.060
VERBENACEAE					
<i>Aloysia oblancoata</i> Moldenke	Alfazema	1	Med, Mist	Folha e Flores	0.002
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	Erva cidreira	11	Med	Folha	0.165
XANTHORRHOEACEAE					
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	10	Med, Hg	Folha	0.120
ZINGIBERACEAE					
<i>Alpinia purpurata</i> (Vieil.) K. Schum.	Vindica	3	Mist	Folha	0.023
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	3	Med	Caule	0.021

Durante as entrevistas observou-se que 18 (20 %) espécies apresentaram versatilidade em sua utilização, ou seja, foi citada para mais de uma categoria de uso, o que também foi encontrado no trabalho de Carniello et al. [44] realizado em quintais no Mato Grosso onde das 397 espécies encontradas 46 foram indicadas como multifuncionais. No trabalho de Trotta et al. [45] 39,4% das espécies apresentaram variabilidade de usos, assim como nos estudos realizados por Amberber et al. [46] com quintais na Etiópia onde nove espécies, de um total de 112 espécies, foram indicadas como versáteis.

A espécie mais citada dentre todas as categorias foi o açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) com 23 (44,2 %) citações, seguido por toranjeira (*Citrus* sp.) com 17 (38,6%), aceroleira (*Malpighia glabra* L.) e limoeiro (*Citrus limonum* Risso) ambos com 16 menções (36,4%), além de cacau (*Theobroma cacao* L.) e cupuaçuzeiro (*Theobroma grandiflorum* Willd. Ex Spreng.) cada um com 15 (34,1%) (Figura 2).

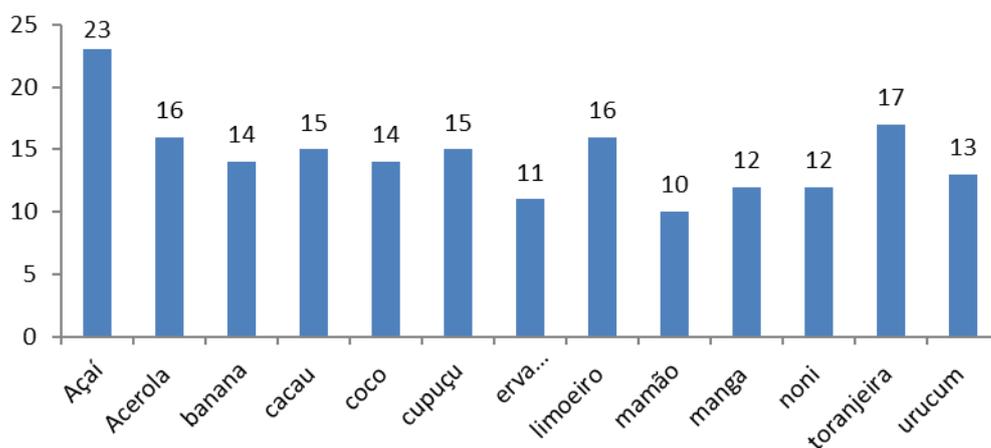


Figura 2: Espécies mais citadas nos quintais do bairro da Francilândia, Abaetetuba, Pará

A categoria mais representativa foi a alimentícia com 42 (50%) citações, seguida de medicinal com 32 (Figura 3).

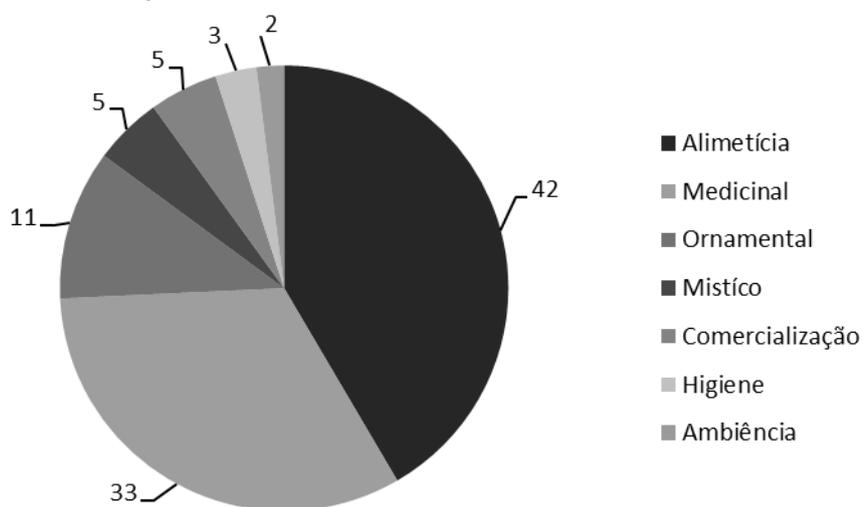


Figura 3: Representatividade por categoria de uso nos quintais do bairro da Francilândia, Abaetetuba, Pará.

Dentre as alimentícias foram registradas 42 espécies (46, 7%), onde se classificaram como forma de consumo o *in natura* com 25 (54,8%), condimentar com 12 (26,2 %), e suco com 10 (19,3 %). O consumo *in natura* também foi mais citada nos trabalhos de Rosa et al. [47], no

município de Bonito, Pará e Florentino et al. [17] no município de Caruaru, Pernambuco. No estudo de Aworinde et al. [48] em quintais da Nigéria também observou-se o predomínio do uso de plantas alimentícias, bem como Assis et al. [49] em Santo Antônio, Mato Grosso, ressaltando assim a importância desses ambientes para a segurança alimentar das famílias tanto no Brasil e em outros países.

Verificou-se que as espécies frutíferas obtiveram 33 citações (78,6%), as quais demonstram a dependência desse recurso pelas populações humanas no complemento da dieta daqueles que ainda preservam os quintais na área domiciliar. Em estudos realizados por Siviero et al. [10] das 77 espécies alimentícias 47 (62%) eram do tipo frutíferas e todas utilizadas para alimentação. Em um distrito da Etiópia assim como essa categoria também mostrou-se importante no trabalho realizado por Alemayehu et al. [50] reportou dentro da classe alimentícia os frutos como o tipo mais consumido com 67% das menções.

Medicinal foi a segunda com 33 citações (38,8%), e o fruto do noni (*Morinda citrifolia* L.) foi o mais mencionado com 12 vezes (36,4%), seguido da erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.) com 11 (33,3%). Essa categoria também apresentou uma variedade na forma de consumo, sendo o chá o mais frequente com 26 (78,8%) referências, seguido de maceração mencionado duas vezes (6,1%); a somatória de xarope, garrafada, cataplasma e conjugado de substância foram iguais a cinco (15,1%)

Quanto a parte da planta mais utilizada no preparo de medicações, a folha obteve 24 (66%) registros, tendo como resultados semelhantes o trabalho de Silva et al. [51] onde as folhas representaram 46% das menções, e de Megersa et al. [52] com 46, 1%. Em quatro (11,8%) oportunidades o fruto foi relatado, e raiz, caule, semente e pseudofruto totalizaram oito (22,2%) designações cada.

Com finalidade ornamental houve 11 citações (12,9%), todas referentes ao adorno do ambiente, sendo que nas residências encontravam-se plantas ornamentais cultivadas em vasos, garrafas pet ou em canteiros nas extremidades do quintal. As espécies ornamentais estão sempre em frente à propriedade ou circundando-a, demonstrando o interesse pela estética do quintal [53].

Outro registro de uso das plantas foi o místico, mencionado em cinco (5,9%) oportunidades, sendo utilizado, principalmente, para a cura de doenças culturais como “mau-olhado” e “quebranto”. Segundo Schardong; Cervi [54] essas doenças culturais se manifestam quando uma pessoa fica enferma devido aos pensamentos negativos e/ou a inveja que outro indivíduo sente por ela. De todas as referências ao uso místico, o consumo como banho obteve quatro (90%) citações. Na pesquisa de Silva; Andrade [55] em uma tribo indígena em Pernambuco, verificou-se que 75 % das plantas para este uso são empregadas como banho. Outra forma de uso seria a da crença na planta em pacificar e proteger o ambiente, especificamente, no caso da mirra (*Commiphora myrrha* (T. Nees) Engl.) como afirma a entrevistada: “guardo a mirra por esta ter sido dada a Jesus, após seu nascimento (M.G., 46)”.

A comercialização que foi citada cinco vezes (5,9%), destaca-se a venda de polpa de frutos como acerola (*Malpighia glabra* L.) e cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* Willd. Ex Spreng.). Isso demonstra a importância econômica dos quintais para as famílias, pois por meio do cultivo dessas espécies se obtém algum tipo de renda.

Na presente pesquisa observou-se que as plantas não são utilizadas apenas para consumo alimentar e medicinal, pois algumas são mantidas nos quintais para satisfazer necessidades pessoais de higiene, estética e de melhoramento climático (ambiência). A categoria higiene pessoal em três ocasiões (3,5%) foi mencionada, sendo usada a babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. F), abacateiro (*Persea americana* Mill.) e capim-marinho (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) para o tratamento de cabelos e pele. A ambiência, que se caracteriza por proporcionar um bem estar ambiental, é proporcionada pelo cedro (*Cedrela fissilis* Vell.) e o abacateiro (*Persea americana* Mill.) que fornecem sombreamento aos quintais, os quais foram citados em duas (2,3%) oportunidades.

3.3 Importância cultural

Sobre a importância cultural das espécies destacaram-se: açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), com um Índice de Saliência Cultural no valor de 0.48, limão (*Citrus limonum* Risso) que alcançou 0.31, a toranja (*Citrus sp.*) com 0.23, a mangueira (*Mangifera indica* L.) 0.22, banana (*Musa sp.*) apresentou 0.21.

O Índice de Saliência Cultural revelou que das cinco espécies com maiores valores, quatro são da categoria alimentícia, sendo a primeira o açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) uma planta carismática da região Amazônica.

O açazeiro apresentou-se como o mais citado e com maior Índice de Saliência Cultural, essa situação, onde uma espécie apresentou o maior número de menções e maior saliência cultural, também foi encontrada nos trabalhos de Veiga; Scudeller [8], com a *Euterpe precatoria* Mart. em uma comunidade ribeirinha no Amazonas. Gomes; Bandeira [56] em uma comunidade quilombola na Bahia no ecossistema de caatinga também observaram à catingueira (*Poincianella pyramidalis* (Tul.) L.P.Queiroz) com a mais saliente culturalmente e a mais citada em seu estudo.

A importância cultural do açazeiro pode ser confirmada pelo tipo de ambiente em que parte do bairro está estabelecido, que é a várzea, domínio típico dessa espécie. Para a população da cidade de Abaetetuba, em geral, o açaí vem como parte obrigatória para a alimentação, sendo consumido todos os dias, além disso, para muitas cidades interioranas o extrativismo e a comercialização do fruto e palmito deste vegetal é a base que sustenta a economia.

5. CONCLUSÃO

O estudo relatou a diversidade na origem dos moradores do bairro, bem como a ampla utilização e conhecimento sobre plantas, demonstrando o arcabouço de conhecimento tradicional existente nesse bairro.

Também se verificou a importância dos quintais para os moradores, pois é através destes que se retiram espécies para uma gama de finalidades, desde complementar a alimentação até tornar o ambiente mais agradável, além de assumir papel social na medida em que se tornam local de moradia para várias gerações de famílias. Acrescenta-se também o papel de identidade cultural, haja vista que a presença de áreas próprias para o cultivo e/ou lazer em ambientes urbanos é uma característica rural ou ribeirinha.

O estudo também veio ratificar a importância cultural do açaí para os moradores do bairro, além de ressaltar também a relevância das espécies frutíferas. Em suma, faz-se necessário o aumento dos estudos a cerca de quintais urbanos, pois nessas áreas concentra-se um alto nível de conhecimento empírico na utilização de plantas e conservação de espécies.

4. AGRADECIMENTOS

Aos moradores do bairro da Francilândia, em especial a Dona Risalva e seu Domingos Vilhena Ferreira, pela compreensão do meu estudo e por permitirem minha entrada em seus quintais, ao Prof. Esp. Leonardo Sousa dos Santos pela confecção do mapa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Lima AC de, Silva CJ da, Viana IG, Arruda JC de, Dutra MM, Sander NL, Moratti PR. Quintal espaço de saberes e de segurança alimentar no vale do Guaporé, Amazônia meridional, Mato Grosso. Revista de estudos sociais. 2015 nov; 34(17): 139-148.
2. Costa RG de A. Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa. Revista Didática Sistêmica. 2008 jul-dez;8: 162-172.
3. Argenta SC, Argenta LC, Giacomelli SR, Cezarotto VS. Plantas Mediciniais: Cultura Popular Versus Ciência. Revista Eletrônica de Extensão da URI. 2011 Maio;7(12): 51-60.
4. Ming LC. Plantas medicinais na reserva extrativista Chico Mendes (Acre): uma visão etnobotânica. São Paulo: UNESP; 2006. 151 p.
5. Ab'Saber AN. Ecossistemas do Brasil. São Paulo: Metalivros; 2006. 300p.

6. Amorozo, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Di Stasi, L.C. (Ed.). *Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar*. UNESP, São Paulo, p.47-68. 1996.
7. Almeida LS de, Gama JRV, Oliveira F de A, Ferreira M do SG, Menezes AJEA de, Gonçalves DCM. *Uso de Espécies da Flora na Comunidade Rural Santo Antônio, BR-163 Amazônia Brasileira. Floresta. e Ambiente*. 2013; out-dez; 20(4): 435-446. Doi: 10.4322/loram.2013.044
8. Veiga JB, Scudeller VV. Etnobotânica e medicina popular no tratamento de malária e males associados na comunidade ribeirinha Julião – baixo Rio Negro (Amazônia Central). *Rev. Bras. Pl. Med.*, 2015 Nov; 17(4), supl. I: 737-747. Doi: 10.1590/1983-084/14_039
9. Silva CSP da, Proença CEB. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. *Acta bot. bras.* 2008 abr-jun;22(2): 481-492, Doi: 10.1590/S0102-33062008000200016.
10. Siviero A, Delunardo TA, Haverroth M, Oliveira LC e, Mendonça AMS. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 2011 jul-set;25(3): 549-556. Doi: 10.1590/S0102-33062011000300006.
11. Pasa MC, Neves WM de S, Alcântara KC de. Enfoque etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de paisagem quintal, comunidade fazenda verde em Rondonópolis, MT. *Biodiversidade*, 2008 7(1): 3-13.
12. Freitas AVL, Coelho MFB, Pereira YB, Freitas-neto EC, Azevedo RAB, *Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. Rev. Bras. Pl. Med.*, 2015 jan;17(4), supl. II, p.845-856, 2015. Doi: 10.1590/1983-084X/14_080
13. Siviero A, Delunardo TA, Haverroth M, Oliveira LC de, Roman ALC, Mendonça AM da S. *Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* 2014 set-dez;9(3), 797-813. Doi: 10.1590/1981-81222014000300015
14. Siviero A, Delunardo TA, Haverroth M, Oliveira LC, Mendonça AMS. *Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. Rev. Bras. Pl. Med.* 2012 maio;14(4): 598-610. Doi: 10.1590/S1516-05722012000400005.
15. Silva LO da. *Os quintais e a morada brasileira. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. 2004 Dez;11(12): 61-78.
16. Freitas AVL, Coelho M de FB, Maia SSS, Azevedo RAB de. *Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. R. bras. Bioci.* 2012 jan-mar;10(1): 48-59.
17. Florentino ATN, Araújo E de L, Albuquerque UP de. *Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. Acta bot. bras.* 2007 Mar; 21(1): 37-47. Doi:10.1590/S0102-33062007000100005.
18. ABAETETUBA. Prefeitura. Estatística municipal. Abaetetuba, 2011.
19. IBGE. 2013. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150010&search=para/abaetetuba>. acesso: 25 out. 2013.
20. Hiraoka M. *Mudanças nos padrões econômicos de uma população ribeirinha do estuário do Amazonas*. 1993. 1 ed. Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: MPEG, p.133-157.
21. Albuquerque UP de, Lucena RFP de, Alencar NL. *Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobiológicos*. 2 ed. Cap. 2. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: Nupeea, p. 23-37.
22. Giraldo M, Hanazaki N. *Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. Acta Botanica Brasilica*. 2010 Fev;24(2): 395-406. Doi: 10.1590/S0102-33062010000200010.
23. Gandolfo ES, Hanazaki N. *Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). Acta Botanica Brasilica*. 2011 Jan; 25(1): 168-177. Doi: 10.1590/S0102-33062011000100020.
24. Albuquerque UP de, Lucena RFP. De, Lins-neto E de F *Seleção dos participantes da pesquisa*. 2 ed. Cap. 1. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: Nupeea, p. 23-37.
25. Althaus-ottmann MM, Cruz MJR, Fonte NN da. *Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. Revista Biociencias*. 2011 jan-mar; 9(1): 39-49.
26. Ryan GW, Nolan JM, Yoder PS. *Successive free listing: using multiple free lists to generate explanatory models. Field methods*. 2000 12(2): 83-107. Doi: 10.1177/1525822X0001200201
27. *Herbário Virtual da Flora e dos Fungos*. 2016. Disponível em: <<http://inct.florabrasil.net/>>
28. *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. 2015. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>
29. *Missouri Botanical Garden*. 2015. Disponível em: <<http://www.tropicos.org.>>

30. Moreira CN do, Guarim-neto G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*. 2015 set-dez; 3(3): 329-341. Doi:10.1590/S1981-81222008000300004.
31. Maroyi A. Use and management of homegarden plants in Zvishavane district, Zimbabwe. *Tropical Ecology* 2013 Maio; 54(2): 191-203. Doi: 10.1186/1746-4269-9-31
32. Aworinde DO, Erinoso SM, Ogundairo BO, Olanloye A O. Assessment of plants grown and maintained in home gardens in Odeda area Southwestern Nigeria. *Journal of Horticulture and Forestry*. 2013 Março;5(2): 29-36. Doi: 10.5897/JHF2013.0294
33. Amaral CN DO, Guarim-neto G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*. 2008 set-dez; 3(3): 329-341. Doi: 10.1590/S1981-81222008000300004.
34. Garcia D, Domingues MV, Rodrigues E. Ethnopharmacological survey among migrants living in the Southeast Atlantic Forest of Diadema, São Paulo, Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 2010 Out;6(29): 2-19. Doi: 10.1186/1746-4269-6-29
35. Lima RX de. Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da área de proteção ambiental de Guaraqueçaba Paraná, Brasil. [Dissertação]. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná; 1996. 138p.
36. Sobrinho IAP, Guido L de FE. Educação ambiental a partir do resgate dos quintais e Seu valor etnobotânico no distrito de Miraporanga, Uberlândia, MG. In: VIII encontro interno e XII seminário de iniciação científica, 2008, Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia. P. 1-11. 2008.
37. Araujo MM de. Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais no assentamento Santo Antonio, Cajazeiras, PB, Brasil. [Dissertação]. Patos (PB): Universidade Federal de Campina Grande; 2009. 130p.
38. Screnci-ribeiro R. Saber local dos moradores do residencial Santorini. Cuiabá, MT, Brasil. *Biodiversidade*. 201514(3): 46-59.
39. Cruz EAL da, Silva JWS, Garcia WM, Ferraz-neto E, Nunes JR da S, Añez RB da S. Perfil e utilização de plantas medicinais em quintais da comunidade de Salobra grande distrito de Porto Estrela-MT. *UNICiências*, 2011 15(1): 53-66
40. Oliveira CJ de, Araujo TL de. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 2007 Jan-Abr;9(1): 93-105.
41. Lobato G de JM. Quintais Urbanos: alternativas para a qualidade de vida e o conforto ambiental em Abaetetuba, Pará. [Dissertação]. Belém (PA): Universidade do Estado do Pará; 2015. 82p.
42. Queiroz DPN de, Lamano-ferreira AP do N. Diversidade e uso de plantas cultivadas em quintais residenciais urbanos localizados na região da Vila Maria, zona norte de São Paulo, SP, Brasil. *UNOPAR Cient Ciênc Biol Saúde* 2014 mar;16(4): 299-305
43. Carvalho TKN, Abreu DB de O, Lucena CM de, Pedrosa KM, Vasconcelos-neto CFA de, Alves CAB, Félix LP, Florentino ATN, Alves RR da N, Andrade LA de, Lucena RFP de. Structure and floristics of home gardens in an altitudinal marsh in northeastern Brazil. *Ethnobotany Research and Applications* 11: 29-47.
44. Carniello MA, Silva R dos S, Cruz MAB da e Guarim-neto G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazonica*. 2010 set;40(3): 451-470. Doi:10.1590/S0044-59672010000300005
45. Trotta J, Messias PA, Pires AHC, Hayashida CT, Camargo C de, Futemma C. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. *REA-Revista de estudos ambientais*. 2012 jan-jun;14(3): 17-34.
46. Amberber M, Argaw M, Asfaw Z. The role of homegardens for in situ conservation of plant biodiversity in Holeta Town, Oromia National Regional State, Ethiopia. *International Journal of Biodiversity and Conservation*. 2014 January;6(1): 8-16. Doi: 10.5897/IJBC2013.0583
47. Rosa L dos S, Vieira TA, Pires HCG. Quintais agroflorestais em comunidades rurais de Bonito, Pará. *Rev. Bras. De Agroecologia*. 2009 Nov;4(2): 1310-1313.
48. Aworinde DO, Erinoso SM, Ogundairo BO, Olanloye AO. Assessment of plants grown and maintained in home gardens in Odeda area Southwestern Nigeria. *Journal of Horticulture and Forestry*. 2013 March;5(2): 29-36. Doi: 10.5897/JHF2013.0294
49. Assis GFP, Santos JCV, Peluso LM, Silva SP, Pasa MC. Diversidade vegetal nos quintais da comunidade do Poço, Santo Antônio-MT, Brasil. *Biodiversidade* 2015 14(2): 93-105
50. Alemayehu G, Asfaw Z, Kelbessa E. Plant diversity and ethnobotany in Berehet District, North Shewa Zone of Amhara Region (Ethiopia) with emphasis on wild edible plants *Journal of Medicinal Plants Studies*. 2015: 3(6): 93-105

51. Silva MD da, Dreveck S, Zeni, ALB. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. *Revista Saúde e Ambiente / Health and Environment Journal*. 2009 dez;10(2): 54-64.
52. Megersa M, Asfaw Z, Kelbessa E, Beyene A, Woldeab B. An ethnobotanical study of medicinal plants in Wayu Tuka District, East Welega Zone of Oromia Regional State, West Ethiopia. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*. 2013 Set;9(68): 2-18. Doi: 10.1186/1746-4269-9-68
53. Novais, AM, Guarim-neto G, Guarim VLMS, Pasa MC. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraiso, Cáceres-MT, Brasil. *Biodiversidade* 2011 10(1): 3-12.
54. Schardong RMF, Cervi AC. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. *Acta Biol. Par.* 2000 29 (1, 2, 3, 4): 187-217.
55. Silva VA da, Andrade L de HC. Etnobotânica Xucuru: espécies místicas. *Biotemas*. 2002 15(1): 45-57.
56. Gomes TB. & Bandeira FPS. de F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. *Acta Botanica Brasilica*, 2012 Out-Dez;26(4): 796-809. Doi: 10.1590/S0102-33062012000400009